

FRANCISCO LUIZ MENDES

CORDEL

A ARTE QUE ENCANTA



Editora Recanto das Letras

FRANCISCO LUIZ MENDES

CORDEL
A ARTE QUE ENCANTA

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Francisco Luiz Mendes

Editora Recanto das Letras
editorarecantodasletras.com.br

Editora responsável: Cassia Oliveira
Ilustração: Cleiton Fernandes
Revisão do texto: Maciel Salles
Capa e diagramação: Dimitry Uziel
1ª edição – abril de 2022

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mendes, Francisco Luiz

Cordel : a arte que encanta / Francisco Luiz Mendes. --
São Paulo : Recanto das Letras, 2022.
408 p.

ISBN: 978-85-7142-124-0

1. Literatura de cordel brasileira 2. Poesia brasileira I.
Título

22-1473

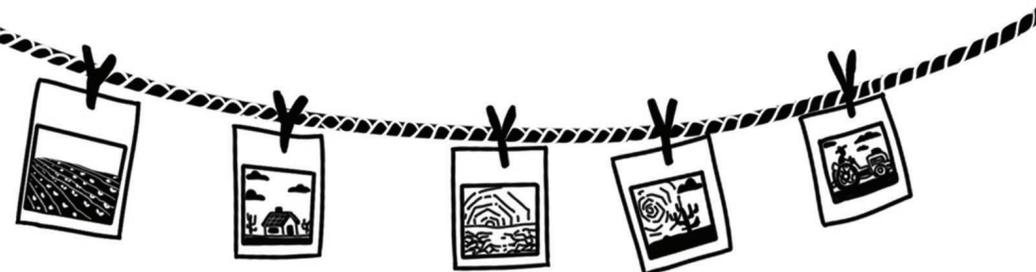
CDD 398.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura de cordel brasileira

À MINHA FAMÍLIA

Sendo Deus a solução
Pra qualquer problema meu,
Vou ficar ao lado seu,
Agarrado à sua mão.
Pois nada tenho a temer,
Por fim, Nele boto fé,
Enfrento qualquer maré
Por nada vou me render,
Pego o bote e dou no pé,
Com Deus a me proteger.



PREFÁCIO

EM JULHO DE 2014, conheci o poeta Francisco Luiz Mendes, que na época estava buscando um revisor de textos para seus cordéis. De lá para cá, tive o prazer de acompanhar de perto a trajetória em versos desse poeta paraibano, de veia e versos sertanejos, que já lançou tantos folhetos de cordel, com diferentes temas, muitos deles ainda perpetuando e cruzando o tempo.

Cruzando o tempo — como uma forma de se manter vivo — assim como a criação textual na literatura de cordel, que passa pelo processo de comunicação, adaptação e também de conexão, para se assemelhar ao modo de pensar e aos valores que dão base à criação poética, revisando, corrigindo e principalmente mantendo viva a linha da imaginação e da criatividade.

Pois sim, o domínio dos conceitos e técnicas que envolvem termos da versificação, como rima, imagem, métrica, oração e ritmo, é basilar para quem quer praticar com desenvoltura a chamada poesia popular.

E esse é o meu papel na poesia em versos de cordel do poeta Francisco, trabalho que tem por fim encontrar soluções de ordem prática na revisão da língua portuguesa, bem como nas questões relativas às técnicas de versificação e quanto ao processo qualitativo dos textos.

Quando na nossa comunicação para a revisão, percebemos que existe uma natural linha de raciocínio que se assemelha ao nosso modo de pensar, de criar e de revisar, mas sem perder a essência poética, de acordo com os modelos dos versos e estrofes.

A partir daí, vi em Francisco, meu conterrâneo de região, muito mais do que um grande contador de histórias, vi alguém com um gosto especial pelos estudos relativos às nuances da língua portuguesa e às regras de versificação que regem o modelo poético popular que ele escolheu para contar as histórias e estórias que lhe vêm à mente, em textos verídicos e ficcionais.

E por tantas vezes, dialogamos sobre a história da formação do nosso povo, a partir do enorme caldeirão cultural em constante ebulição, formado pelas gentes oriundas de diversos lugares do mundo que, de uma hora para outra, passaram a se misturar em constante ebulição, resultando numa fantástica simbiose genética e cultural.

Em uma de nossas conversas, falamos sobre Leandro Gomes de Barros, poeta também paraibano, nascido aos 19 de novembro de 1865, no sítio Melancia, cidade de Pombal, no sertão. Anos depois, já morando no Recife, fez história ao imprimir, de sua autoria, o primeiro cordel no Brasil, sendo ele também o primeiro a contar, em literatura de cordel, histórias com temáticas e personagens tipicamente nordestinos, fugindo dos estereótipos dos temas e personagens dos folhetos europeus, em grande parte baseados nas chamadas “novelas de cavalarias”.

Além dos folhetos criados por Leandro, ele também imprimiu muitos títulos de outros poetas, seus contemporâneos, como Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista, entre tantos, que também escreveram e, como editores, fizeram uso da impressão tipográfica iniciada por Leandro, com versos em sextilhas, setilhas, décimas em versos de redondilha maior e também em quadras, oitavas, parcelas e outros modelos oriundos da poesia baseada na oralidade, assim como são todos os outros modelos existentes na poesia popular escrita.

O poeta Francisco Luiz Mendes faz jus ao legado desses poetas, porque, em especial, além de muito bem fazer o uso das sextilhas e setilhas, usa com maestria o modelo das décimas em versos de sete sílabas, também conhecidos como versos setissílabos, heptassilábicos ou de redondilha maior, como por exemplo no cordel *O peso da paixão*.

O poeta também tem extrema facilidade de, na sua poética, navegar do drama à comédia, flutuando e perpassando pelo lirismo e pelos temas de cunhos sociais, filosóficos e até mesmo fábulas, assim como em *O cachorro Jupi e a raposa Malena*.

O interesse do poeta em fazer sempre o melhor ajudou na aproximação, e as nossas conversas tornaram-se mais fluentes e enriquecidas e, de tantas histórias e revisões ao longo de todos esses anos, construímos uma parceria profissional e uma amizade natural.

Francisco Luiz Mendes é um grande poeta, com uma produção vasta, mas com muita qualidade, superando a maioria dos nossos contemporâneos e mantendo vivo um legado nordestino de uma cultura popular muito importante para o nosso país de linhas continentais.

Parabéns, poeta! Pela produção e pela amizade construída.
Grande abraço!

MECA MORENO

A DOR DA AMAZÔNIA

O Brasil inteiro vê
Amazônia desabando
A pobre mata implorando
Pra não virar massapê
Mesma notícia se lê
Na gazeta todo dia
A vastidão da sangria
No nosso pulmão do mundo
Em segundo em segundo
Passando por agonia.

Além escuta o roncar
De motosserra na mata
A seguir um carro cata
A tora pra transportar
Para se comerciar
Outra carga de madeira
Lá e cá semana inteira
É aquela circulação
No vaivém de caminhão
No contorno da fronteira.

O repórter da tevê
Exibe no seu canal
A madeireira ilegal
Levada pro ateliê
Para todo mundo vê
Ali se faz conspirata
Com aquele magnata
Sem muita preocupação
Naquele aperto de mão
Firma-se a negociata.

Ainda naquele mês
Serra volta a ressoar
Mais caminhão trafegar
Aliás, um, dois e três
Na rota do seu freguês
Com uma nova encomenda
De uma tenda a outra tenda
O veículo vai em frente
Bem nas barbas dum agente
Protocola sua venda.

Cobra rasteja pro rio
Pra não ser esturricada
Em voo a passarinhada
Sem nem sequer dar um pio
O tigre fica arredio
Em busca de moradia
Ai, meu Deus, que covardia!
Tá fazendo esse sicrano
Banindo o nosso bichano
Do recinto onde vivia.

Mãe terra geme de dor
Vendo a filha padecendo
E com ela vai sofrendo
Também o mesmo clamor
Mais uma vez o infrator
Levanta ali seu troféu
Abatido fica o céu
Testemunhando o que vê
Aquele florido ipê
Nas chamas do fogaréu.

Que se faz com a floresta
É de cortar coração
Canal de televisão
Exibia um bate-testa
Apresentando uma fresta
No seu solo enfumaçado
E de sangue misturado
Dum animal abatido
Por aquele pervertido
Tão mal-intencionado.

Tal pássaro emudeceu
Pois não soube mais cantar
Foi obrigado a deixar
Aquele cantinho seu
Até o pica-pau perdeu
Sua árvore preferida
Na qual tinha a acolhida
Pro filhote e a amada
Encontrou-a retalhada
Na terra desfalecida.

O nosso planeta Terra
Pressente o efeito estufa
E aquela rosa tufa
No alto daquela serra
O agente nessa guerra
É o oportuno fulano
Que é mais um líder tirano
Que pensa só em lucrar
Nada faz para mudar
O seu jeito de mundano.

Cada árvore derrubada
Na nossa selva amazônica
É mais uma bomba atômica
No planeta disparada
A fauna fica abalada
Do feito desse atentado
Índio é desapropriado
Para o branco se alojar
Em suas terras lavar
O ouro contrabandeado.

É de muita e longa data
Nossa selva vem grunhindo
Cordialmente pedindo
Pra salvá-la da desmata
Igualzinho um vira-lata
Latindo pelos confins
Apelando aos mandarins
Ali do Itamarati
Também para o Jabuti
E lá dos tupiniquins.

O cenário é preocupante
Pelo que está sucedendo
O mundo inteiro está vendo
Devastação alarmante
E ninguém até o instante
No condado brasileiro
Se pronunciou primeiro
Buscando uma solução
Fica fazendo é sermão
Para cacique estrangeiro.

A floresta assim derrete
Na boca dessa fornalha
O nosso Ibama espalha
Por todo o país manchete
Uma nota que promete
Combater a transgressão
Sem o direito à caução
Pois quem a lei infringir
Na cadeia vai sentir
O peso dessa agressão.

É fácil na teoria
Na prática é que são elas
Pois são somente balelas
Dessa politicaria
A qualquer hora do dia
A nossa selva é invadida
Por gente má e homicida
Aí a pobre floresta
Vira um peru de festa
Naquela mesa é servida.

Cadê os nossos senhores
Deputados estaduais?
Além disso os federais
Tais amigos senadores
Prefeitos, governadores,
Nossos líderes civis
O povo deste país
Salve a selva valiosa
Desse boto cor-de-rosa
Amazônia flor-de-lis.

Amazônia e daí?
Se o socorro não vier?
Que será de minha mulher
Sem seu gostoso açaí?
Muita gente nem aí
Com a sua situação
Madeira vira carvão
Para assar essa picanha
Assim completa a barganha
Para outra conspiração.

O rugido da floresta
Afora já ribombou
Mas ainda não se indagou
O que ela tanto contesta
Só uma voz se manifesta
À sua sobrevivência
É o brado de consciência
Do seu ser interior
Impetrando, por favor
Preservar sua existência.

Muito além vai expressando
Pra todos o seu apelo
Mesmo diante atropelo
A atenção vai chamando
Para o mundo vai mostrando
As gigantescas crateras
Efeito das termosferas
Causadas por dodivanas
Sem caráter e inumanas
Semelhantes bestas-feras.

Amazônia em asfixia
Em meio a tanta carcaça
Além do pau de fumaça
Ardendo em carvoaria
Segue a criminologia
Perante os olhos do povo
Ano velho e ano novo
Reza a mesma ladainha
A mata está vermelhinha
No tom de gema de ovo.

Essa mata gigantesca
Há tempos agonizando
Com os homens massacrando
Nossa única selva fresca
Dessa ganância grotesca
Já chega de tanta festa
Pois agora só nos resta
Acabar essa folia
Amanhã será outro dia
E adeus nossa floresta!

Se a gente continuar
Nossa Amazônia abolindo
Alguém está construindo
Tumba para se enterrar
Muito não vai demorar
Para tudo acontecer
Aliás, eu quero ver
O povo pedindo ajuda
Será um deus nos acuda
Sem ter para onde correr.

A floresta está esgotada
Sofrer tantas agressões
E de ouvir vários sermões
Muita conversa fiada
Já desperta retalhada
Em pleno brilho do dia
Num galpão de serraria
O planeta inteiro vê
Num boletim de tevê
Tamanha selvageria.

Males serão reparados
Revides virão dos céus
Um por um todos os réus
Serão logo condenados
E os troféus conquistados
Nunca mais serão erguidos
Ficaram apodrecidos
Por força da lei maior
O mal só gera o pior
Assim serão destruídos.

Do vento, céu, mar e terra
Todo lembrete foi dado
Ninguém teve o cuidado
Daquela flor lá na serra
Agora sua alma berra
Ainda ouvindo o ressoado
Do seu serrote afiado
Em cada árvore abatida
Nasce em si uma ferida
Por todo mal praticado.

A OUTRA FACE DO CANGAÇO

Meu caro amigo leitor
Do folheto popular
Nestes versos quero apenas
Com clareza relatar
“A outra face do cangaço”
Que ficou, pois, sem contar.

Quando se fala em cangaço
Lembramos de Lampião
Tudo que ele praticou
Nas quebradas do sertão
Do Nordeste brasileiro
Conforme a divulgação.

Lampião foi bandoleiro
E não tem como negar
Nem tudo aquilo que dizem
Ele veio a realizar
O outro lado da história
Ninguém se atreveu a falar.

Naquela época a imprensa
Igualzinha em cada estado
Divulgava o desgraçado
Por Lampião praticado
Porém do seu inimigo
Nadinha era comentado.

Naquele tempo a polícia
Versava-se por volante
Era um grupo chefiado
Por um certo comandante
Opondo-se ao cangaço
E a qualquer simpatizante.

Com a caça iniciada
Na busca dos cangaceiros
Era para executar
Todos esses bandoleiros
Não era nem pra ficar
Rastros desses desordeiros.

Essa era a ordem do tal
Chefe de Estado da vez
Pois cumpri-la era preciso
Para ele uma honradez
Ver o bando cangaceiro
Na sua total viuvez.

Esses grupos de soldados
À caça de Lampião,
Eles saíam sertão afora
Feito cavalo do cão!
E ai daquele coitado
Que não desse informação.

Aliás, qualquer suspeito
Não importava etnia
Tão logo era questionado
Em pleno brilho do dia
Se gaguejasse nas frases
Depressa o couro comia.

A volante era perversa
Não havia piedade
Temida do sertanejo
Por sua brutalidade
Agia com força total
Em nome à juricidade.

Incriminava o cangaço
Ali por toda a fronteira
Lá na casa dum roceiro
A sua filha solteira
Era estuprada sem dó
E não tinha choradeira.

Semana subsequente
No jornal da região
Notícia tava estampada
Sobre essa defloração
Que o feito foi praticado
Do bando de Lampião.

O pacato lavrador
Tava sempre vigiado
Por fim, qualquer burburinho
Esse era logo intimado
Para ir à delegacia
Para ser interrogado.

Perante as indagações
Aquele pobre senhor
Com tais respostas confusas
Irritava o ouvidor
A volante entrava em cena
Aí era aquele horror.

Todo “não” para a volante
Era a pior resposta
Mentira não lhe agradava.
E deixava-a descomposta
Só a verdade convinha
Perante a sua proposta.

A pressão era medonha
Lá no Agreste nordestino
Lares eram invadidos
Em nome de Zé Rufino
O tenente caçador
Do capitão Virgulino.

O sujeito se gabava
Dos seus feitos praticados
E com naturalidade
Contavam bem detalhados
Desses muitos sertanejos
Por ele foram surrados.

E famílias agrestinas
Sem paz e desesperadas
Pois além dos cangaceiros
Tantas vezes saqueadas
Também havia volantes
Roubando suas moradas.

A volante era covarde
Açoitava a sangue-frio
O trabalhador brejeiro
Que vivia do plantio
Ele nada tinha a ver
Com esse seu desafio.

A volante era pior
Que o bando de Virgulino
Assassina e sanguinária
Feito um animal felino
Na sua atrocidade
Terror do povo agrestino!

De Senhor Ladislau Reis
Era chamado um tenente
Que chefiava a volante
Temida por muita gente
Um homem sem coração
Era sórdido e delinquente.

Esse Senhor Ladislau
Apelidado o Santinho
Mas por onde ele passava
Deixava ali o seu selinho
Ai daquele cangaceiro
Que cruzasse seu caminho.

Famoso em toda a ribeira
Por sua ferocidade
Assim era o Ladislau
Praticante da maldade
Perverso e mau-caráter
E sem personalidade.

O cangaceiro Baliza
Vítima desse sujeito
Em território baiano
Passou a ser o alvo eleito
E nas mãos de Ladislau
Era um deleite perfeito.

De cabeça para baixo
Numa árvore pendurado
O cangaceiro ficou
Exposto a cada soldado
Pra fazer o que quisesse
Com o tal famigerado.

Foram diversos disparos
No alvo à disposição
Ladislau lá no comando
Sem dó e nem compaixão
Atiçou fogo no corpo
Completando sua ação.

Após aquele seu feito
A vítima degolou
Aquela cabeça exposta
Para a cidade levou
Como se fosse um troféu
Para o povo apresentou.

O ato de selvageria
Foi mesmo de arrepiar
A repercussão enorme
Fez a imprensa se calar
Aliás, pois, ai daquele
Que viesse a comentar.

Essa prática era praxe
De cangaceiro e volante
Numa caçada e noutra
A barbárie era atuante
Ambas as partes sabiam
Da ira dos comandantes.

Contudo essas volantes
Tais quais mais violentas
Coiteiros em suas mãos
Sofriam grandes tormentas
O assédio era constante
Dessas tropas truculentas.

Pra obter informação
Do coito de cangaceiro
A volante vigiava
Certo suspeito roceiro
Bem na calada da noite
Feito velho raposeiro.

Não tivesse o que queria
A volante era sem dó
Atacava o agricultor
Feito abelha-sanharó
E ameaçava afogar
Família num igapó.

Esse camponês coitado
Tava entre a cruz e a espada
Sua vida tava em jogo
A família ameaçada
Nem pensava duas vezes
Dali fazia arribada.

Todo tipo de violência
O sertanejo sofria
Na vida não tinha paz
Nem de noite e nem de dia
Volante não dava trégua
Mais vítima ela fazia.

Já chegava advertindo
O senhor daquele lar
Queria porque queria
Uma pista farejar
Se dali nada saísse
O canção ia piar.

A qualquer preço a volante
Queria uma informação
Na base da bofetada
Pontapé e muxicão
Era a cena produzida
Na pista de Lampião.

Quando alguém anunciava
Lá vem a volante tal
Aquele pai de família
Corria pro matagal
Para bem se proteger
Desse bando bestial.

Outra era a tal volante
Do tenente Ladislau
Também era apelidada
Pelo nome de Anjo Mau
Matuto dela fugia
Feito o cão da cruz de pau.

Tal foi a situação
Da vida do sertanejo
E também do agrestino
Passando-se por despejo
E tantas humilhações
Dum bando de malfazejo.

Enquanto rondou volante
Camponês não tinha espaço
Corria dum lado pro outro
Tal qual um bicho no laço
Assim, pois, se revelou
“A outra face do cangaço”.

O QUE VI NO SERTÃO DO NORDESTE DE ONTEM HOJE NÃO VEJO MAIS

Quem antes foi no Nordeste
Hoje não conhece mais
Nos tempos dos meus avós
Na infância dos meus pais
Pode observar que ele
Já não é mesmo aquele
Tá diferente demais.

Nesse meu sertão de hoje
Tudo está modificado
O vigário de outrora
Pois só andava montado
No período atual
Não quer saber de animal
Só anda motorizado.

O progresso avançou
Para as bandas do sertão
O transporte habitual
O burro de estimação
Já não está mais presente
Ele perdeu a patente
Para a veiculação.

O camponês que se preza
Sente a modificação
Com a tecnologia
Avançando no sertão
Ele fica atarantado
Atônito e espantado
Diante da mutação.

Até a vara de pescar
Modificou o roceiro
Pesca-se de molinete
Trazido lá do estrangeiro
Num carretel equipado
E num motor enrolado
Suprindo o seu bambueiro.

A minha avó quando ia
Bater arroz no pilão
Ligeiro a palha saltava
Misturada com o grão
Passaradas rodeavam
E depressa devoravam
O que caía no chão.

Majestade, o sabiá
Além disso as rolinhas
Pintassilgo e chico-chico
E um bando de golinhas
Lambu, juriti e bigode
O peru, a cabra e o bode
Uniam-se às galinhas.

Lá o canário-da-terra
O ilustre cancionista
Tiziu, chorró e caboclinho
Foliavam no canteiro
Pássaro pra todo lado
De tamanho variado
Enfeitando o terreiro.

Também ali não faltava
Bico-de-prata e azulão
Xexéu e galo-de-campina
O periquito e o canção
E de olho o papa-sebo
Vigiava o guarda-mancebo
Camarada gavião.

Ainda muito recordo
Do inverno e da fartura
Os canaviais e engenhos
A safra de rapadura
Ali naquela gamela
O mel da cor de canela
E que fervor de doçura.

Ah, como era tão bom!
Devorar fruta madura
Subia num pé de manga
Atraído pela fartura
Do ponto que se estava
Pra cima mais se escalava
Não importava a altura.

Muitas vezes rememoro
Aquele pé de mangueira
Com o seu tronco arriado
Ali sobre a barreira
Em figura de uma canga
Numa rama de moranga
Servindo-se de cocheira.

Aquela casa de taipa
No tempo se demoliu
Porta, janela e telhado
De cupim se consumiu
Encoberta pelo mato
Vê-se apenas o formato
Ali onde ela existiu.

Difícilmente se vê
O atrevido vaqueiro
Correndo atrás de boi
No seu cavalo trigueiro
O boi virou foi churrasco
Do cavalo só o casco
Restou lá no catingueiro.

E aquele bom cachorro
Nem mais caçando se vê
O dono lhe abandonou
Dele restou o dossiê
Peba, veado e tatu
Mocó, juriti e lambu
Vejo sim, só na tevê.

E os cânticos dos pássaros
No alvorecer do dia
O sapo-boi na lagoa
Espumando de alegria
À beira do ribeirão
Os três-cocos e o carão
Cobiçando a mesma jia.

No meio do tabuleiro
Num galho seco sem nó
Mirei o camaleão
Magrinho de fazer dó
Na árvore que ele estava
Folha seca mastigava
Misturada com cipó.

Cigarra não se ouve mais
Ao pino do meio-dia
Aquele canto finíssimo
Que dava até agonia
Para onde deve ter ido
O apreciado zunido
Dessa bela sinfonia?

O tal coroa-de-frade
O pé de mandacaru
Ainda unha-de-gato
Nem o papa-sururu
E sequer o marmeleiro
Para servir de poleiro
Pra ave papo-de-peru.

Nem o forró pé de serra
O artesão de viola
Camelô de quebra-queixo
O disco lá na vitrola
E na porta do mercado
Bem no batente sentado
Cego pedindo esmola.

A festa do padroeiro
Fogueira de São João
O jogo era de peteca
Brincadeira de pião
De anel cair no poço
Curral de boi e de osso
Pegar ave de alçapão.

O circo e seus palhaços
O parque de diversão
Festejo no arraial
Céu enfeitado, balão
A meninada na sala
Comendo, pipoca e bala
E o doce de algodão.

O galo bom de terreiro
Galanteador das vielas
Faz muito tempo que ele
Virou pirão nas panelas
O sertão sem o seu canto
Perdeu todo o seu encanto
Silenciaram as gazelas.

Outrora a pescaria
Era aquela animação
Pois se pescava o peixe
Anzol, landuá e galão
Que tanta vivacidade
À noite, manhã ou à tarde
Peixe era diversão.

O cardume de piaba
Dava medo até de olhar
Porém na hora do banho
Precisava se cuidar
Era cada beliscão
Dava uma aflição
Do cabra até chorar.

Tilápia e curimbatá
Também traíra e cangati
Tucunaré e piranha
Lambari e tambaqui
A tarrafa e o galão
E só deixou no porão
O muçum e o jaboti.

O clarão da lua cheia
Iluminava o terreiro
O farol dentro de casa
Cintilava o candeeiro
Num pavio de algodão
Além disso o lampião
O abajur de tropeiro.

Em pouco tempo chegou
Uma luz tradicional
Pela força de um motor
Com lâmpadas num bocal
E numa tubulação
Vinha a distribuição
Alumiando o arraial.

Na época não existia
Um transporte adequado
Somente os animais
Serviam para o traslado
Burro, cavalo e jumento
Eram os carros do momento
Trafegando lado a lado.

Esses animais também
Serviam para os tropeiros
Além de tais montarias
Eram os grandes cargueiros
Pegar boi e juntar o gado
No campo ou no cerrado
Inseparáveis vaqueiros.

Para se dançar forró
Já não se ouve Gonzagão
Esse grande sanfoneiro
Revolucionou o baião
E num sensato momento
Consagrou o tal jumento
Chamando de nosso irmão.

No meu Nordeste atual
É outra concepção
E aos meus olhares críticos
Avançou com precisão
E esse grande sucesso
Deve-se, pois, ao progresso
De uma nova geração.